

Com vossa permissão, passo a ler este singelo manifesto da minha vivência da cooperação Italiana, para com esta Instituição.

Moçambique, após a sua independência em 1975 e com cerca 18 milhões de habitantes, com tudo por construir, ficou em pouco espaço de tempo sem capacidades de projectar o edificado e de ordenar o território, exactamente no momento em que mais necessitava. Após a independência de Moçambique, havia apenas seis arquitectos nacionais. A maioria dos arquitectos portugueses deixou o país, principalmente com destino a Portugal.

Duas questões foram postas: (i) ficar na dependência de técnicos de arquitectura e de planeamento por vias de cooperação, ou (ii) criarem-se, com urgência, as condições para a formação e capacitação dos Moçambicanos para projectarem e construírem as suas cidades, modelando e ordenando o nosso território

A Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico foi a materialização da ideia de que o país iria crescer e consolidar tendo em conta a nossa realidade socioeconómica, cultural e geográfica e, com a sua evolução ao longo do tempo, ir-se-ia apropriando o território, ocupando-o de forma sustentável no seu meio natural.

A Faculdade de Arquitectura e Planeamento físico nasce dentro deste contexto e da ligação estreita, na altura, entre o nosso Secretário de Estado de Planeamento Físico, o arquitecto JoséForjaz e o arquitecto Gean Ferracuti de Veneza.

Foram estes os mentores e precursores, com o apoio humano, técnico e material da Universidade “La Sapienza” de Roma, através dos arquitectos Salvatore

Dierna, director do departamento de pós-graduação de arquitectura e Tecnologia e Mario Docchi, director do departamento de pós-graduação de análise e levantamentos de arquitectura.

No âmbito da cooperação com a Itália descrevo os dois momentos que considero relevantes para a Faculdade.

A colaboração italiana inicia antes da criação da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico, em fins dos anos '70, com o apoio à Direcção Nacional das Habitações e a estruturação de um curso de nível médio de Planificação Física.

O **primeiro momento** sem dúvida foi o da sua criação, em Outubro de 1986, com os primeiros 30 estudantes, da UEM a iniciarem a sua formação como arquitectos e planeadores físicos a nível nacional.

Na altura, a Universidade de Roma La Sapienza, ao assumir o seu apoio de cooperação na criação da Faculdade enviou, não só o material didáctico, e aqui inclui-se até lápis, canetas para desenho, incluindo papel vegetal para os alunos poderem desenhar, como também todo o equipamento necessário para o seu funcionamento, desde as secretárias, cadeiras, estiradores aos primeiros computadores que tivemos.

O primeiro Director da Faculdade foi, sem muitas surpresas, um Italiano, o professor Arq. Lúcio Carbonara em 1986, e depois seguiu-se-lhe o professor Italiano o Geografo António Catizzone, até 1998, o ano em que o Arq. José Forjaz é nomeado Director da Faculdade.

Durante os primeiros 15 anos de existência da faculdade teve-se o privilégio de se contar com cerca de 30 docentes Italianos que, de acordo com as suas disponibilidades laborais em Itália, vinham em tempos escalados, através de um sistema de ensino modular, garantir o seu funcionamento regular.

A Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico deve ter sido de certo modo a pioneira na UEM em projectos de mobilidade internacional de docência e de ensino por módulos.

No ano 2000 foi proporcionada pela cooperação Italiana a ida a Itália de docentes Moçambicanos da Faculdade a Roma. Eramos seis, o Júlio Carrilho e o Paulo Mondlane, que já não se encontram entre nós, o Paulino Pires, o Fernando Onios, o, o Mahomed Sidat, e eu.

Fomos convidados para participar num curso de introdução a novas tecnologias na Sapienza de Roma. Este momento foi importante a nível pessoal por termos a oportunidade de conhecer Roma e também uma faceta de Itália, a nível académico pelo curso, em sistema presencial de seminários e obviamente a nível profissional, mas ainda mais importante foi o conhecimento produzido e trazido de volta às origens, à faculdade.

Como tínhamos que fazer um relatório final sobre a nossa estadia por Itália acordámos elaborar uma variante de um diário. Todos dias, no fim do dia, fazíamos um apanhado do que ocorreu durante o dia e o Júlio Carrilho tinha a missão de fazer a redacção partindo dos comentários que íamos fazendo. Acabou

por transformar-se num livro que foi editado e que se chama o Riário, por causa do nome, Via dei Riari onde tivemos albergue.

Escreveu o Júlio Carrilho “Chegámos, sim. Não ao que julgávamos ser um hotel ou, na pior das hipóteses, um lar de estudantes. Chegámos a um albergue da Comunidade de Sto. Egídio. Calmo, silencioso, disciplinado. Uma calma, um silêncio, uma disciplina quase tão estreita como a rua que nos recebeu – a Via Dei Riari; um andar de lã e um cavaquear de veludo nos corredores e quartos, tão religiosos como nos conventos; um comer exactamente às oito da manhã e um nunca entrar depois das onze da noite, como em qualquer colégio de adolescentes imberbes ou de peregrinos devotos; uma rigidez quase tão medieval como o belíssimo e cobiçado bairro onde serenamos nossos ânimos, o Trastevere”.

“A dois passos do nosso santo albergue, bem antes de uma basílica paleo-cristã por onde passávamos todos os dias, descobrimos, na própria noite em que chegámos, o que viria a ser o nosso contraponto de animação e alívio. Um clube com um sugestivo nome, exactamente aquele de que precisávamos: o ‘Refúgio dos Pecados’. Dito em palavras que me lembraram a minha infância de acólito nas missas católicas em Latim - “Refugium Peccatorum”. Um ambiente simples, mas de uma erudição lasciva a ressaltar das cenas escabrosas pintadas com talento nas paredes de um espaço minúsculo, à maneira dos primitivos flamengos. Se fosse um inferno tipo Bosch, tinha de ser um inferno bom!”

“Porque o espaço era convidativo e seria aqui que gastaríamos os últimos minutos de todos os dias. Antes de todas as malditas onze horas do começo da noite, em que, bem-

comportados, nos tínhamos de apresentar no albergue, para que não nos fechassem as únicas portas abertas que conhecíamos nessa cidade ainda desconhecida”.

Sobre esta espécie de “diário” Riário, o Embaixador da Itália, na altura, Roberto Di Leo, escreveu na sua apresentação, “Posso confessar com toda a minha sinceridade que enquanto lia senti um divertimento profundo nesta leitura ligeira e amena, que tão bem interpreta a visão do meu País, visto com olhar moçambicano”.

Nesta altura em 2000, já tinham sido graduados 160 arquitectos e planeadores físicos pela Faculdade, e o corpo docente Moçambicano encontrava-se completo para responder ao seu currículo e aos desafios futuros da Faculdade.

O **segundo momento**, parte inevitavelmente do sucesso da cooperação Italiana com a Faculdade de Arquitectura e estende-se a mais duas Faculdades: a de Agronomia e Engenharia Florestal e a de Saúde, com o início em 2000 do Programa Trienal de Cooperação que foi gerido pelo consórcio que foi designado por CICUP.

Com este programa trienal assume-se uma nova etapa, são alocados “significativos” fundos às três faculdades que vinham já beneficiando, de alguma maneira, da cooperação com a Itália.

O objectivo específico do Programa era o de fortalecer a capacidade institucional da UEM através do melhoramento das capacidades didácticas e científicas das Faculdades de Arquitectura e de Planeamento Físico, de Agronomia e

Engenharia Florestal e de Medicina, contribuindo assim para o desenvolvimento em Moçambique, na criação de competências científicas necessárias à gestão sustentável dos recursos e à programação das intervenções no território Moçambicano.

O programa foi, relevante no que diz respeito às necessidades globais do sistema de ensino superior de Moçambique nas áreas de investigação, do ensino e do seu relacionamento com o território, onde a UEM beneficiou de uma melhor imagem e visibilidade após a sua realização.

A UEM também se beneficiou da gestão administrativa do programa, que garantiu flexibilidade operacional, permitindo que os mecanismos de gestão administrativa agissem como factores de capacitação, criando nas Faculdades procedimentos de programação/controlo das despesas de maior eficácia e mais pragmáticas.

O objectivo Específico do CICUP com a Faculdade de Medicina foi a de levar a Faculdade como instituição de referência na realização dos estudos epidemiológicos e microbiológicos sobre a dinâmica das doenças transmissíveis e de presença das doenças de alto impacto socio sanitário que requerem a formulação de planos de prevenção e de controlo eficazes no País.

A cooperação universitária italiana com a Faculdade de Medicina, a que possuía na altura a percentagem mais alta de alunos na UEM, começou em 1997, envolvendo a UEM, e as universidades de Sassari e de Roma num programa de estudos e de controlo das doenças transmissíveis de alto impacto socio sanitário,

que tinha envolvido em particular os Departamentos de Microbiologia e de Saúde da Comunidade.

As principais temáticas abordadas nas actividades de investigação constituíram o eixo portante da intervenção (doenças endémicas e transmissíveis, cólera, gastro patologias, etc.) nas áreas prioritárias das políticas sanitárias do País. Foram desenvolvidas actividades de investigação sobre as epidemias, utilizando técnicas de genética molecular e imunológicas inovadoras.

A maior parte dos resultados previstos pelo programa foram alcançados, fortalecendo a formação dos docentes e dos técnicos com novas competências e reforçando a autonomia profissional na condução do ciclo de investigação.

Entre os efeitos de curto prazo e multiplicadores, assinala-se a utilização dos manuais produzidos no âmbito do projecto, pelo Ministério da Saúde de Moçambique e pela OMS. Foi também relevante através do programa a colaboração da Faculdade com estruturas sanitárias nacionais e regionais.

Em relação à Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, o objectivo específico do programa era o de reforçar, qualitativamente e quantitativamente, as capacidades de desenvolver com eficácia as actividades institucionais de formação e investigação, criando técnicos nacionais competentes na identificação das soluções mais adequadas para satisfazer as necessidades prioritárias ligadas ao desenvolvimento sustentável das áreas rurais do País

A cooperação com a Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal começa em 1978 com um programa de assistência técnica, com docentes Italianos para lecionar, ligados ao Departamento de Produção e Protecção Vegetal.

O primeiro acordo de apoio Italiano à Faculdade é assinado no triénio 1985 / 88 através da vinda de docentes, para suprir a carências de professores locais, assinado com a Universidade de Viterbo.

O programa CICUP com a Faculdade permitiu a formação e capacitação de docentes e do corpo técnico-administrativo para acções de reforço institucional na administração, na biblioteca e na edição da documentação técnico-científica, na manutenção e gestão dos laboratórios, através da formação de técnicos de laboratório em cursos para o efeito na Itália, trazendo competências para a gestão e operacionalidade dos laboratórios, dotando a Faculdade de maior capacidade de gestão administrativa e institucional.

Os projectos de investigação, com cinco linhas de investigação, nas temáticas de Defesa dos cultivos, Economia Agraria, Fisiologia Vegetal, Melhoramento genético, Produção Vegetal (entre estes mencionavam-se a produção de trigo e o girassol), conferiram à Faculdade resultados de investigação, positivos especificamente no que diz respeito às actividades de campo proporcionando uma relação directa dos docentes e estudantes no campo através da selecção de novas variedades de girassol e banco de germoplasma com o Laboratório de Biotecnologia

O programa também proporcionou à Faculdade a sua participação conjunta, em colaboração com a Faculdade de Medicina no Laboratório de Biotecnologia, conferindo-se um bom

exemplo de interacção interdepartamental com resultados positivos em termos de impacto potencial para a actividade científica da UEM e para as estratégias nacionais de investigação.

Relativamente à Faculdade de Arquitectura, o programa possuía dois objectivos bem definidos que eram (i) a capacitação institucional da própria faculdade (ii) e a formação de professores moçambicanos, concretizando-se através bolsas que permitiram a ida de docentes Moçambicanos para a Itália La Sapienza, fazer o seu mestrado (11) e o seu doutoramento (4).

No âmbito da capacitação institucional, foram alocados fundos para trabalhos de investigação. A Faculdade de Arquitectura pôde assim desenvolver vários projectos de investigação pelo País.

Foram realizados vinte e cinco trabalhos de investigação e pesquisa, que se traduziram em 19 publicações, permitindo que a faculdade capacita-se, não somente na criação de um banco de dados, como também na sistematização dos trabalhos de investigação e de pesquisa, executando suas edições. As edições FAPF editaram ao longo desse tempo, 42 publicações.

Foi um período de grande produção de investigação e disseminação do conhecimento.

Foi possível levar 20 estudantes por duas vezes à ilha do Ibo, com fundos próprios para fazer um levantamento completo, de todo o património edificado não só, das casas de pedra e cal, como do edificado popular.

O exemplo do Ibo levou-nos a Pemba, a Lichinga, a Inhambane, à Beira e a Maputo.

Foi a possibilidade que tivemos de olhar para o país e poder ver o que estava a acontecer em termos, não só de ordenamento do território, como também do edificado, de estudar e ler aquilo que é, de alguma maneira, o nosso património, quer seja ele popular, vernacular, assim como o moderno ou erudito.

Foi uma grande leitura que fizemos sobre o território Moçambicano e foi graças, a esta cooperação de 3 anos do programa CICUP.

As consequências do projecto sobre a didáctica foram extremamente positivas e relevantes pela participação dos estudantes nas actividades de investigação e de estudo realizadas nas províncias, pelo apoio dado nas teses de licenciatura, na melhoria dos equipamentos dos laboratórios de informática e pelas actividades editoriais, em que participaram.

Outra virtude do programa trienal dirigido pelo consórcio CICUP foi ter capacitado o Centro de Desenvolvimento do Habitat, centro sem fins lucrativos, criado com o objectivo de prestar assistência às instituições e à sociedade, não só no ordenamento do território, mas também na elaboração de projectos de edificação necessários no País.

O projecto CICUP permitiu pois ao CEDH aferir de um sistema informativo para a realização de um banco de dados para a documentação, do intercâmbio e da integração dos conhecimentos e das experiências adquiridas, no que diz respeito, (i) à análise do projecto e da produção dos edifícios, (ii) aos métodos e técnicas para a requalificação do património edificado e residencial público, (iii) na definição de métodos e processos de planificação e gestão sustentável dos assentamentos humanos e (iv) no levantamento e catalogação dos bens arquitectónicos para a documentação e a análise dos processos históricos dos assentamentos no País.

Enfim, o programa trienal permitiu uma grande capacitação do CEDH e o centro, graças a essa possibilidade técnica e humana que obteve a partir da Cooperação, pôde responder a várias solicitações de instituições de Moçambique do governo moçambicano, não só das autarquias, como dos ministérios.

O CEDH até hoje continua operacional, na elaboração de planos de ordenamento do território, atuando em todo país. Tem também respondido, de alguma maneira, às solicitações de elaboração de projectos de construção solicitadas por várias instituições.

Vou concluir dizendo uma frase do arq. José Forjaz, mentor da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico. “Sem a Itália não teria havido esta Faculdade; sem a Itália ela não poderia ainda continuar a existir...”

À cooperação Italiana, à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma "La Sapienza", aos sucessivos Embaixadores de Itália no Maputo, a nossa sincera gratidão.

A cooperação entre países ou instituições não se faz somente através de vontades políticas, ou de recursos financeiros e materiais, faz-se sim, sobretudo através de pessoas.

Destaco alguns, de entre as dezenas, que proporcionaram a nossa existência, primeiro aos que já não se encontram entre nós, Dierna, Bentivegna e Bianchi.

Ao Ferracuti, Carbonara, Catizzone, Vetriani, Corvaja, Romili, Venturi, Giacupetti, Martegani, Berti, Saggio, Accasto... de entre outros e com menção particular de minha parte ao Sandro Bruschi e Maria Spina, pela sua grande entrega de vida e legado, à Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico até ao final do programa CICUP.

Esta cooperação proporcionou também a ida de muitos de nós a Itália, o epicentro clássico de uma das mais vastas culturas arquitectónicas universais, assim conhecemos o seu território, o campo e suas paisagens, as suas cidades, o seu património edificado, o seu design, a sua história, a sua cultura, nas artes e nas letras e, sobretudo, a excelente qualidade da sua excelente gastronomia, la pasta, il pomodoro, il parmigiano, il prosciutto, il tartufo e la grappa.

Grazie Itália

Obrigado

Luis Lage

Maputo, aos 25 de Novembro de 2022